



O DESEJO, A TRAIÇÃO E A TRADIÇÃO: A “ALMA IMORAL” À LUZ DA PSICANÁLISE

Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silvaⁱ

Jainne Santana Soaresⁱⁱ

RESUMO - O objetivo deste artigo é apresentar uma leitura psicanalítica do livro **Alma Imoral: Traição e Tradição Através dos Tempos**, de Nilton Bonder, a partir da noção de desejo para a Psicanálise. O livro foi adaptado e levado ao teatro por Clarice Niskier, tornando-se um espetáculo que é sucesso de público há mais de dez anos. Este fato despertou o interesse de refletir sobre a traição como algo inerente à condição humana, mesmo, e talvez principalmente, em uma sociedade monogâmica. Até porque, quando a psicanálise fala de desejo, refere-se a um conceito cujas principais características são a atemporalidade e a amoralidade, bem como a necessidade constante de se realizar. A princípio, será apresentada a leitura de Bonder sobre a traição e a tradição que, numa prévia, refere-se ao corpo como o que preserva a moral do ser humano e a alma como a que transgride para a evolução, revelando que traidor e traído são um mesmo sujeito. Em seguida, à luz da psicanálise, a noção de que o sujeito busca a satisfação plena como sinônimo de felicidade. No entanto, o desejo anuncia que o prazer está na busca e não, necessariamente, na sua realização.

PALAVRAS-CHAVE: Desejo; Psicanálise; Traição; Tradição; Alma Imoral.

ABSTRACT - The purpose of this article is to present a psychoanalytic reading of the book **The Immoral Soul: Betrayal and Tradition Through Time**, by Nilton Bonder, from the notion of desire for Psychoanalysis. The book has been adapted and taken to the theater by Clarice Niskier, becoming a spectacle that has been public success for more than ten years. This fact aroused the interest of reflecting on betrayal as something inherent in the human condition, even, and perhaps mainly, in a monogamous society. Even when psychoanalysis speaks of desire, it refers to a concept whose main characteristics are timelessness and amorality, as well as the constant need to be fulfilled. At first, Bonder's reading of the betrayal and tradition will be present which, in a prior, refers to the body as that which preserves the morality of the human being and the soul as the one that transgresses to the evolution, revealing that betrayed and betrayed are the same subject. Then, in the light of psychoanalysis, the notion that the subject seeks full satisfaction as synonymous with happiness. However, desire announces that pleasure is in the pursuit and not necessarily in its realization.

KEYWORDS: Desire; Psychoanalysis; Betrayal; Tradition; Immoral Soul.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

A fidelidade é um blefe porque
se alguém pagar para ver verá.

(Heidrich G.)

Introdução

Ao assistir à peça de teatro intitulada **A Alma Imoral**, monólogo representado pela atriz e dramaturga Clarice Niskier, várias indagações foram suscitadas, dentre elas a questão do desejo, da traição e da tradição. Essa peça está em cartaz há mais de dez anos, com público cativo, sendo que grande parte dos espectadores a assistem, no mínimo, duas vezes. É um fenômeno, se pensarmos o pouco incentivo à cultura, principalmente em se tratando de teatro.

O espetáculo em referência é uma adaptação de Clarice Niskier do livro de Nilton Bonder, **A Alma Imoral: Traição e Tradição Através Dos Tempos**. Neste livro, Bonder, um rabino brasileiro e escritor, apresenta e discute situações da vida cotidiana voltadas, principalmente, às polêmicas contradições das relações do homem inserido em uma cultura cujo corpo é considerado o maior responsável pelos hábitos e pela própria cultura, como preconiza a psicologia evolucionista baseada na teoria de Darwin.

Em sua obra, Bonder (1998) coloca o leitor à margem das suas (im) próprias convicções. E é justamente isso que Clarice, no palco, apresenta como realidade inevitável, suprimindo, de certa forma, a verdade das supostas verdades ao propor uma reflexão sobre viver na condição de humano, pautado nas noções de certo e errado, honestidade e desonestidade, desobediência e obediência, além da transgressão quando inserido na tradição de uma cultura. A hipocrisia, desse modo, ganha um espaço próprio nessa reflexão, pois a desobediência à tradição impõe ao indivíduo o sentimento de culpa pela realização de um desejo.

Diante das inquietações suscitadas pelo livro e pela peça, propõe-se neste artigo uma leitura dessa obra a partir do olhar da psicanálise, principalmente no que se refere ao desejo diante da traição e da tradição. Afinal, alguma explicação há para esse fenômeno de público, como apontado no início desta introdução. E a psicanálise, com seu desejo, apresenta-se como possibilidade de leitura às expressões do conteúdo subjacente a esse discurso manifesto.



A Traição e Tradição para Bonder

Nascido em Porto Alegre – BR, em 1957, Nilton Bonder, rabino, líder espiritual da Congregação Judaica no Brasil e autor de livros reconhecidos nacional e internacionalmente, escreveu em 1998 o livro **A Alma Imoral: Traição e Tradição Através dos Tempos**, adaptado para o teatro por Clarice Niskier, em 2006, com o espetáculo **A Alma Imoral**.

Bonder (1998) cita as associações de interligação no significado das palavras tradição e traição. Relata que “nossa compreensão de nós mesmos é de que somos produto de uma tensão. Para expressá-la, cunharam-se os conceitos de corpo e alma”. (p. 21) Aponta a tradição como a que visa preservar o sujeito dos infortúnios do desejo, representada pelo corpo “gerador da moralidade” e representante da materialidade e suas necessidades.

Já a traição, segundo o rabino, visa transgredir. Representada pela alma, é “componente consciente da necessidade de evolução, a parcela de nós capaz de romper com os padrões e com a moral” e, “[...] sua natureza seria, portanto, transgressora e ‘imoral’, por não corroborar os interesses da moral” (p.16), representante da imaterialidade e suas necessidades. Argumenta, ainda, que a evolução humana depende fundamentalmente de atos que são percebidos como traição pelo ponto de vista da cultura, dos costumes e da tradição.

Na dimensão da consciência, a reprodução é vista como preservadora da espécie, considerando a família, os contratos sociais e as crenças como principais áreas da tradição, identificando o corpo como moral e encontrando nela (a moral) um instrumento fundamental para sua preservação. A alma, então, é tida como “imoral” e regente do ser humano através da evolução, enquanto o corpo seria a dimensão que rege o ser humano através da reprodução. Não há reprodução sem evolução, assim como não há evolução sem reprodução. Na espécie humana não há tradição sem traição, assim como não há traição sem tradição. As tradições trazem o poder das instruções do passado e as traições trazem o poder das instruções do futuro.

Bonder (1998) alude que “a consciência traz a percepção do nu e o ser humano passa a ter uma condição de animal moral – um nu que se vê nu e por isso precisa se esconder dos outros e de si mesmo”. (p.14) Menciona que antes mesmo da descoberta de tal consciência da nudez, provocada pela transcendência de Adão e Eva ao mandamento de proibição pelo Criador de não



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

se nutrir com determinada ramificação da própria natureza, havia uma outra dimensão da missão animal, ou seja, além da procriação, a transgressão por algo estabelecido. Sendo assim, “obedecer ao proibido por opção é de ordem evolucionária, como também a transgressão” (p.16). Sustenta que Adão e Eva estão nus e têm um mandamento a cumprir, que é feito tomando o homem à mulher e a mulher ao homem.

Para Bonder (1998), transgredir é transcender. Nessa concepção, o traidor é um transgressor à moralidade, sugerindo outra lei ou outra realidade. Como a tradição privilegia o desejo da preservação, nomeia-se o corpo como responsável a enfrentar a alma, que é uma demanda desse corpo e responsável pelas transgressões. A alma seria parte do corpo que se pensa transgredir, elemento de evolução do próprio corpo que, por um lado, impõe ao ser humano uma conduta rígida e comprometida com sua forma de ser, mas que, de tanto em tanto, com maior ou menor importância, trai a si mesmo e se reconstrói. Nesse contexto, traidor e traído poderão ser o mesmo sujeito.

Considerando a ideia de Darwin de compreender a realidade social através da história, Bonder (1998) diz que o mundo é composto por homens e mulheres que buscam desempenhar seu mandamento de multiplicar e frutificar. Diz ainda que o homem potencializa sua reprodução no aspecto quantitativo, já a mulher no aspecto qualitativo, derivando os hábitos culturais e sociais de acasalamento, sejam eles poligâmicos ou monogâmicos. O homem trai para resgatar sua semente fora do meio quantitativo da monogamia. A mulher trai para resgatar sua semente, fora do aprisionamento qualitativo da monogamia.

Segundo Phillips (1997), a relação monogâmica seria o oposto de nossos impulsos - segurança x impulsos. A partir da perspectiva do corpo que, de alguma forma, propõe-se a preservar a tradição, a traição é então percebida como o rompimento com o correto. Da perspectiva da alma, no entanto, a traição é vista e suposta à medida que promove alguma mudança, expondo a necessidade de “um novo bom”, levando à busca por “um novo correto”.

Bonder (1998) desafia o leitor a compreender um conceito pelo seu contrário, destacando que “certo e errado” ou “bom e correto” têm significados subjetivos em determinados contextos para cada indivíduo. O autor diz que “a evolução da espécie está no silêncio [...] que cada homem e cada mulher conhecem em sua vida pessoal e coletiva. Um silêncio desafiador e que responde a um impulso desobediente”. (p.123)



Seria, então, a traição um delito inafiançável?

Contextualizando a Psicanálise

A psicanálise é o termo usado para se referir a uma teoria, a um método de investigação e a uma prática profissional. É um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica, cuja noção de inconsciente se constitui como sua base introdutória. Sua leitura se dá pelo método interpretativo, buscando o significado oculto daquilo que é manifestado, ou seja, o que está subjacente ao discurso manifesto que se dá por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias. Dentre essas produções estão os sonhos, os delírios e as associações livres. A psicanálise tem como pai o médico psiquiatra Sigmund Freud.

Sigmund Freud nasceu em 1856 e formou-se em Medicina pela Universidade de Viena em 1881. Obteve uma bolsa de estudos em Paris em 1885 onde estudou com Charcot, um renomado médico e pesquisador francês, no Hospital Salpêtrière. Freud observou as manifestações da histeria e os efeitos da hipnose e da sugestão, percebendo que suas pacientes apresentavam sintomas físicos de origem psicológica e não fisiológica (SANTOS, 2014).

Retornou a Viena e apresentou em conferência o resultado de suas observações sobre a histeria, entretanto, foi criticado e ironizado pelo círculo médico. Conheceu o médico e cientista Dr. Josef Breuer, que utilizava o método catártico com a paciente Bertha Pappenheim, amiga da esposa de Freud, Martha Bernays. Breuer denominou como método catártico o tratamento sob hipnose que possibilita a liberação de afetos e emoções ligadas a acontecimentos traumáticos que não puderam ser expressos na ocasião da vivência desagradável ou dolorosa, levando à eliminação dos sintomas. Esse caso foi publicado como o “Caso de Anna O”. Por sua vez, Freud direcionou-se à possibilidade de que as experiências emocionais e vivências históricas de um indivíduo interferem no organismo, denominando de traumas psíquicos (Freud, 1996 [1925-1926]). Porém, Freud abandonou a hipnose porque nem todos os pacientes eram hipnotizáveis.

Segundo Zimerman (2004), a origem da psicanálise remete à necessidade da ciência, naquela época, de entender os males sem experiências físicas ou biológicas que atingiam a população. Sua evolução histórica está centrada, exclusivamente, nas contribuições originais de Sigmund Freud com a Teoria do Trauma, a Teoria Topográfica, Teoria Estrutural, Conceituações sobre o Narcisismo e a Dissociação do EGO.



Em sua autobiografia, Freud se perguntou qual poderia ser a causa de os pacientes esquecerem tantos fatos de sua vida interior e exterior, considerando que o esquecido era sempre algo angustiante, podendo ser ruim ou algo que fora intensamente desejado pelo indivíduo. Seus estudos sobre a histeria permitiram a descoberta do método da associação livre. Deixando os pacientes associarem livremente, confirmou que as recordações esquecidas do doente não estavam perdidas, continuavam em seu poder prontas a ressurgir em associação com os fatos ainda sabidos por este. Observou, também, que alguma força as detinha, obrigando-as a permanecer inconscientes. A essa força deu o nome de resistência, nomeando de repressão o processo psíquico que visa encobrir da consciência um pensamento ou representação dolorosa que está na origem do sintoma.

Na associação livre, os pacientes contavam seus sonhos carregados de conteúdos psíquicos localizados no inconsciente. Desse modo, Santos (2014) diz que Freud insistia no fato de que uma interpretação não deveria recair sobre o conteúdo manifesto dos sonhos (as imagens oníricas que, às vezes, são lembradas ao acordar), mas sobre o pensamento latente, o que está por trás das imagens oníricas, as implicações desejantes do sonhador. O sonho constitui-se como a objetivação de um desejo porque no sonho o desejo é cumprido.

É interessante mencionar a publicação do livro “A Interpretação dos Sonhos”, em 1900, na qual Freud trouxe ao público o conceito de desejo pela primeira vez. No início da obra o autor faz uma revisão bibliográfica de autores que já haviam tratado da temática antes de sua teoria. Até então, os autores defendiam que os sonhos eram passíveis de interpretação, entretanto é uma tese exclusivamente freudiana a ideia de que todo sonho é uma realização de desejo (FREUD, 1996 [1900]).

Desejo e Psicanálise

De acordo com Cabas (2009), “toda a obra de Freud pode ser entendida como uma constante e incessante interrogação sobre o desejo. [...] a história da obra freudiana é a história de um esforço por extrair do solo da experiência uma definição do desejo.” (p. 37)



Freud (1996 [1900]) destaca o desejo como sendo sexual, inconsciente, infantil e recalçado, e seu início dá-se por via da vivência de satisfação. Na concepção dinâmica freudiana, Laplanche & Pontalis (1986) referem-se ao desejo como pertencente a um dos polos do conflito defensivo:

[...] um dos polos do conflito defensivo: o desejo inconsciente tende a realizar-se restabelecendo, segundo as leis do processo primário, os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação. A psicanálise mostrou, no modelo do sonho, como o desejo se encontra nos sintomas sob a forma de compromisso. (p. 158)

Laplanche & Pontalis (1986) dizem que o inconsciente na psicanálise exprime o conjunto de conteúdos não presentes no campo atual da consciência, a parte do aparelho psíquico onde existem pulsões, consistindo também como depósito de repressões que emergem de forma disfarçada no consciente. Tem a particularidade de ser ao mesmo tempo interno ao sujeito (e a sua consciência) e externo a qualquer forma de dominação pelo pensamento consciente.

O consciente, por sua vez, funciona de forma interativa com as informações do mundo interior e do mundo exterior, que ficam registradas qualitativamente de acordo com o prazer ou o desprazer por elas causado. Porém, não é elegido para a retenção e arquivamento desses registros, pois tal função é designada ao inconsciente (ZIMERMAN, 2004).

Embora seu funcionamento esteja intimamente interligado ao inconsciente, o consciente quase sempre está em oposição de conteúdos, gerando conflitos entre os interesses conscientes e os interesses inconscientes. Tais conflitos são manifestados através de sintomas, expressão da pulsão freudiana que existe no inconsciente.

Ao referir-se à pulsão freudiana existente no inconsciente, Roudnesco & Plon (1998) definem a pulsão como um processo dinâmico consistente em energia que leva o organismo à propensão de um objetivo, com fonte numa excitação corporal, um estado de tensão. Tal estado de tensão busca a supressão deste estado através de um objeto, e é somente nele que a pulsão pode atingir sua meta. Neste sentido, Eros é a pulsão de vida, abrangendo as pulsões sexuais e as de auto conservação, e Tanatos é a pulsão de morte, autodestrutiva ou que se manifesta para o exterior como pulsão agressiva ou destrutiva.

No ano de 1905, Freud publicou o clássico “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, no qual defende a ideia de que a sexualidade e os diferentes mecanismos que se acoplam à



sexualidade infantil constituem a origem da formação do caráter e da personalidade, ou seja, os primeiros anos de vida de um indivíduo deixam marcas profundas na estrutura psíquica da pessoa, nos quais a maioria dos pensamentos e desejos reprimidos da infância caracterizados pelas experiências de caráter traumático são de natureza sexual e configuram a origem de sintomas atuais na vida de um indivíduo. Tais sintomas psicanalíticos são produções resultantes de conflitos psíquicos entre o desejo e os mecanismos de defesa, apresentados através do comportamento ou do pensamento (FREUD, 1968).

A teoria freudiana trouxe a concepção de que a sexualidade tem um período longo de desenvolvimento até chegar à vida adulta, iniciado a partir do momento do nascimento, manifestada por pulsões sexuais denominadas de libido, presente nas diferentes fases do desenvolvimento da personalidade humana. A libido freudiana é a energia dos instintos sexuais, originalmente conceituada como anatômica, manifestando-se através das zonas erógenas dos órgãos corporais (FREUD, 2007 [1923-1925]). É esperado que as fases do desenvolvimento psicosexual se transformem, se sobreponham e interajam permanentemente entre si, deixando, no psiquismo, durante a evolução do sujeito, pontos de fixação formados de gratificações ou frustrações de uma determinada zona erógena, podendo o indivíduo, eventualmente, fazer um movimento de regressão.

Zimerman (2004) ressalta que as etapas de organização da libido foram denominadas por Freud, seguida das respectivas zonas erógenas, em: Fase Oral (boca), Fase Anal (ânus), Fase Fálica (órgão sexual), Período de Latência (intervalo até a puberdade) e a Fase Genital. E é justamente na fase genital que o objeto de desejo não está mais no próprio corpo, mas no mundo externo, ou seja, o outro. Quando há um desequilíbrio em algumas dessas fases, o comportamento do indivíduo adulto apresenta uma maior possibilidade de sintomas ligados ao não amadurecimento adequado daquela fase (FREUD, 2007 [1923-1925]).

Dentre as várias ocorrências no decorrer dessas fases, destaca-se o Complexo de Édipo, um drama vivido intensamente pela criança num período geralmente situado entre terceiro e o quinto ano de vida, durante a fase fálica, no qual designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que a criança experimenta em relação aos genitores do sexo oposto ou figuras representativas desses papéis, não necessariamente as biológicas, acompanhada por uma rivalidade para com o genitor do mesmo sexo (SANTOS, 2014).



Freud, em 1920, remodela a teoria do aparelho psíquico com a finalidade de apreender melhor os fenômenos psíquicos que, até então, escapavam do enfoque da concepção anterior, baseada nas instâncias do inconsciente, pré-consciente e consciente, fazendo modificações importantes na teoria psicanalítica. Não abandona a Primeira Tópica que sugere uma passividade das estruturas, mas considera a chamada Segunda Tópica (Modelo Estrutural) como eminentemente ativa e dinâmica, consistindo em três instâncias: Id, Ego e Superego (FREUD, 2006 [1920-1922]).

Segundo Freud (1996 [1923-1925]), o Id é o único componente da personalidade que está presente no ser humano desde o nascimento, regido pelo princípio do prazer individual, contendo impulsos plenos de desejos. Seus esforços são voltados para que seus desejos sejam realizados imediatamente, entretanto, esse imediatismo é algo irreal e impossível fora do inconsciente. Destaca que o Id se orienta unicamente pelo Princípio do Prazer, no qual os desejos são desprovidos de julgamentos, temporalidade ou qualquer espécie de moralidade.

Freud concebe que o Ego se desenvolveu a partir do Id pela persistente influência do mundo externo e pela necessidade de adaptação ao mesmo. Ou seja, o Ego estabelece o equilíbrio entre as exigências do Id, as exigências da realidade a partir de uma organização coerente dos processos psíquicos do indivíduo e as diretrizes exigentes do Superego, sendo regido pelos princípios da realidade e do prazer (Freud, 1996 [1923-1925]).

É atribuído ao Id o aspecto mais impulsivo de nossa personalidade. Para o Superego, atribui-se a atuação praticamente oposta. O Superego é o sistema da personalidade herdeiro do Complexo de Édipo, constituído pelas levianas introjeções das proibições, dos limites e da autoridade, tendo a finalidade de oferecer ao indivíduo o que é “certo” e o que é “errado” a partir dos padrões morais e ideais que são adquiridos por meio cultural da sociedade e da família.

Segundo Perez (2009), na demanda há o desejo de ser o único objeto do desejo do outro, aquilo que é objeto de satisfação se torna, por sua vez, causa do desejo. E sobre o desejo, Gonçalves Filho (2014) remete ao desejo e o objeto do desejo para Laplanche:

Possuir não é dominar. Possuir é ser possuído: a coisa possuída atrai e impele o possuidor. A coisa que queremos possuir sem poder, que queremos comer sem consumir, cavou em nós uma estranha fome. Fome de um estranho alimento, que seguiu íntegro depois de alimentar. Fome estranha que não se saciou, mas



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO/2017

ISSN 2177-2789

creceu depois de servir-se do alimento. Fome que partiu não do estômago, mas do alimento. Essa fome que não é fome e que carrega todas as nossas fomes merece nome próprio: chama-se desejo. (p. 74)

As obras de Freud e as que a sucederam servem de documento para exibir que a sexualidade deixou de ser uma questão que possa simplesmente ser tratada na superfície das normas morais, religiosas ou sociais, para se transformar em uma categoria de trabalho que estaria na base do tratamento das histerias, da explicação das guerras e da criação artística. Nesse contexto histórico, pode-se pensar o saber psicanalítico como um tratamento das neuroses e um modo de compreender o desenvolvimento da civilização e os produtos da cultura e que, o ser humano, por sua vez, vive em constante busca pela satisfação de seus desejos (PEREZ, 2009).

Afinal, o ser humano parece ter a felicidade como objeto de busca incessante, em uma tentativa de prazer supremo. Porém, como diz Freud (1980) no seu texto “O mal-estar na civilização”:

[...] a que se refere àquilo que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra ‘felicidade’ só se relaciona a esses últimos. Em conformidade a essa dicotomia de objetivos, a atividade do homem se desenvolve em duas direções, segundo busque realizar – de modo geral ou mesmo exclusivamente – um ou outro desses objetivos. Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’. O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. (p. 49)

Ainda, no texto “o futuro de uma Ilusão”, também de Freud (1980):

Em que reside o valor peculiar das ideias religiosas? Já falamos da hostilidade para com a civilização, produzida pela pressão que esta exerce, pelas renúncias do instinto que exige. Se se imaginarem suspensas as suas proibições - se, então, se pudesse tomar a mulher que se quisesse como objeto sexual; se fosse possível matar sem hesitação o rival ao amor dela ou qualquer pessoa que se colocasse no caminho, e se, também, se pudesse levar consigo qualquer dos pertences de outro homem sem pedir licença-, quão esplêndida, que sucessão de satisfações seria a vida! É verdade que logo nos deparamos com a primeira dificuldade: todos os outros têm exatamente os mesmos desejos que eu, e não me tratarão com mais consideração do que eu os trato. Assim, na realidade, só uma única pessoa se poderia tornar irrestritamente feliz através de uma tal remoção das restrições da civilização, e essa pessoa seria um tirano, um ditador, que se tivesse apoderado de todos os meios de poder. E mesmo ele teria todos os motivos para desejar que os outros observassem pelo menos um mandamento cultural: ‘não matarás’. (p. 9-10)

De certa forma, isso significa dizer que a busca pelo prazer é condição vinculada à felicidade. Há, portanto, o desejo de ser feliz. Porém, o que gera o prazer não é a felicidade, e sim a busca por ela. E essa busca é o que está, muito provavelmente, na base de um desejo e sua tentativa incessante de se realizar. Assim, a busca é a realização, é o gozo quando a libido está investida em um objeto de desejo. Sem a possibilidade do gozo, a frustração, descrita por Freud (1980) como “o fato de um instinto não poder ser satisfeito” (p. 6), parece estar instaurada, uma vez que a proibição impõe a privação.

Na possível tentativa do ser humano de evitar a dor e o desprazer na constante busca pela felicidade, Freud (1980) diz que o aparelho psíquico se estrutura e instaura as funções do juízo, do pensamento e do raciocínio, valendo-se de estratégias na tentativa de diminuir e disfarçar o fardo devido aos sacrifícios pulsionais exigidos pela civilização, levando o indivíduo a evitar o conjunto de decepções causadoras de frustrações.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

Diz, ainda, ser função da religião realizar tal disfarce, criando uma das mais eficazes ilusões, que proporciona aos indivíduos a solução mais acabada ao propiciar a aceitação total da dolorosa finitude e de todos os seus malefícios na perspectiva de que, no futuro, se beneficiará da infinitude almejada. Entretanto, Freud critica a técnica religiosa de evitar o sofrimento, uma vez que ela o faz, impondo a todos, um só comportamento e uma só forma de amar.

E, em se tratando de amor, trazemos as palavras de Bauman (2004): “amar é habilidade que se pode adquirir e o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício” (p. 5). A despeito disto, Freud (1980) diz que um amor que não discrimina perde aos olhos humano boa parte de seu valor, pois comete uma injustiça em face do objeto de desejo.

Essa afirmação é corroborada por Bauman (2004), quando diz que o amor não é ansiado a encontrar seu significado em coisas prontas, completas e concluídas, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas. O amor é, assim, transcendência, um processo de construção, uma arte que requer aprendizado e, como processo criativo, nunca se sabe aonde vai terminar. Aponta a fragilidade nas relações sociais da atualidade, considerando que o ser humano vive em um mundo de insegurança e incertezas. Nomeia a fragilidade na forma de se relacionar vigente na modernidade líquida de conexão, uma vez que há a facilidade em não haver responsabilidade mútua, pressão e prisão entre os participantes, contemplando a facilidade em se desconectar do outro, o que, de certa forma, orienta o sentido da falta.

Essa falta, segundo Melucci (2004), é orientada para objetos específicos, construídos simbolicamente pela informação oriunda dos diversos meios de comunicação e pelas redes sociais às quais pertencemos. A falta, então, nos dias de hoje, é um produto da cultura e resultado de uma construção social. Neste sentido, não se sentir pertencente a um grupo, por exemplo, significa uma falta que, equivocadamente, é tida como um vazio que, por sua vez, deveria ser preenchido a qualquer custo.

A questão é que a falta, para a psicanálise, não significa um vazio, embora a ele possa conduzir, quando o sujeito desiste da busca. A falta é que mobiliza o sujeito à busca, um movimento à realização do desejo.



A Alma Imoral à luz da psicanálise

Com o objetivo de fazer uma leitura da obra de Nilton Bonder, “A Alma Imoral: Traição e Tradição Através Dos Tempos” à luz do desejo da psicanálise, como metodologia, além de um estudo exploratório sobre o desejo para Freud e seus comentadores, elencou-se algumas passagens do livro que foram passíveis de interpretação e análise de conteúdo. Na seguinte citação, Bonder (1998) leva o leitor à compreensão de que o pecado original de Adão e Eva não foi uma tentação do corpo, mas da alma, impulsionados a cumprir com seus desígnios de desobediência à proibição imposta.

Antes mesmo de conhecer a consciência e de se perceber nu, ou seja, um animal moral, o ser humano deparou com uma dimensão de si capaz de transgredir e provavelmente projetada para isso. Essa dimensão, como muito bem aponta o texto bíblico, se origina na mais pura natureza animal (a cobra) e escolhe a mulher como o meio mais propício para plantar a semente da transgressão e repassá-la ao homem para que, juntos, transgredissem. Na verdade, essa parceria no processo de transgredir se inicia no próprio Criador, que implanta uma espécie de primeira consciência através de uma proibição. (p. 15)

Nesse contexto, destaca-se a pulsão libidinal freudiana definida por Roudnesco & Plon (1998) como um processo dinâmico consistente em energia sexual que leva o organismo à propensão de um objetivo. Paradoxalmente, o proibido, por ser proibido, passa a ser o objeto de desejo a ser alcançado. Assim, diante da influência e tentação da serpente a desobedecer a proibição do Criador, houve o desejo de transcender em busca da realização de prazer. A transformação dá-se mediante a desobediência, pois é a partir da desobediência que nasce a consciência e, conseqüentemente, a perplexidade desencadeada da nudez do homem que se veste da moral para encobri-la. A nudez, neste sentido, torna-se representante dos desejos e pré-julgamentos subjetivos do ser humano, instaurando, assim, a vergonha alicerçada pela tradição.

Como possibilidade de compreensão ao corpo moral, preservador da tradição, Freud (1968 [1923-1925]) traz a instância psíquica do superego, a qual tem internalizada as proibições, as regras, os valores, a cultura e a própria moral. Para Bonder (1998), no entanto, “O ser humano é talvez a maior metáfora da própria evolução, cuja tarefa é transgredir algo estabelecido”. (p. 15)



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

A traição, por sua vez, regida pela alma que transgride, pode ser expressada através da concepção do desejo inconsciente, presente na instância psíquica do Id. É incumbência do Ego equilibrar as exigências do Id, da realidade e as imposições do superego, como diz Freud (1968 [1923-1925]). Ao descobrir a nudez, Adão e Eva possivelmente se apropriaram do sentimento de culpa, provocado pelo superego, desencadeado por algo que consideraram errado, mas que, de alguma forma, foi desejado.

Há o que é bom e há o que é correto. O bom é representado pela alma e o correto, pelo corpo moral. É a tensão entre o bom e o correto que oferece ao ser humano uma experiência de bem-estar, porque nem só o bom ou nem só o correto supre com tudo na vida e nem o bom é bom sempre e, nem o correto é correto sempre. Para Bonder (1998), “Compreender um conceito ao contrário [...] é fotografar a alma”. (p. 29) Esta, na psicanálise, pode ser considerada como o objeto que comporta a expressão do desejo. Reveladas as fotografias da alma, portanto, tornam-se conscientes os conteúdos reprimidos.

A expressão de Bonder (1998) “A alma é espontânea e o corpo é ponderado” (p. 74), alude ao conceito freudiano de que o desejo do Inconsciente (Id) é atemporal, podendo manifestar-se a qualquer momento. É amoral, por não ter juízo de valor. Comporta a sexualidade e o investimento da energia sexual na busca de um objeto de desejo para sua realização. Já o superego é ordenado por valores e seus juízos, regras, proibições (FREUD, 1996 [1900]). Fotografar a alma seria, então, dar espaço à possibilidade de tornar consciente os desejos inconscientes.

O ser humano foi expulso do paraíso porque a morte passou a ser uma consciência, porque o parir passou a ser uma consciência, assim como a noção de desejo e do pecado. Toda vez que o corpo insiste em recriar o Éden, onde apenas os desejos do corpo moral compõem a realidade, a alma ataca com sua imoralidade, uma imoralidade que ameaça o corpo moral, segundo Bonder (1998), lhe imputando necessidades.

Nesse contexto, Melucci (2004) refere-se às necessidades como sinais da falta. Compete ao ser humano reconhecer e elaborar culturalmente essa falta, pois “isso determina uma responsabilidade da qual não podemos fugir: responder conscientemente à falta que nos constitui, ou seja, decidir quem somos”. (p.43) E, segundo Bonder (1998):



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

A imortalidade do animal se dá na reprodução e a moral cumpre o papel de proteger esta imortalidade na esfera da consciência; já a imortalidade pela transgressão se dá na evolução, e a alma imoral cumpre o papel de proteger esta imortalidade na esfera da consciência. [...] Preservar-se como espécie, na dimensão da consciência, é estar atento aos ensinamentos sociais que se preocupam com a preservação do desígnio e sentido maior de nossa existência – a reprodução. (p. 17-18)

Freud (1968 [1923-1925]), por sua vez, destitui da sexualidade sua exclusividade no sentido da reprodução, ao considera-la como centro da vida psíquica no desenvolvimento da personalidade do ser humano. Sendo assim, desde o nascimento o sujeito tende a buscar pelo prazer pleno. Nos primeiros tempos de vida, a sexualidade tem sua função sexual ligada à sobrevivência, encontrando o prazer no próprio corpo, para depois encontrar o prazer no outro, uma vez que a cultura é externa ao sujeito. Até porque, diz Bonder (1998):

Não importa o quanto Adão se recobria – cada vez mais descobria sua nudez. O não encontro de si mesmo está na incapacidade de arcar com a transgressão. A vida de acordo com o manual, que indica a cada um de nós o que devemos fazer, é insuficiente para responder integralmente por nosso “eu” [...] Sem a alma, mesmo o Adão vestido é um nu, um nu terrível, pois não se reconhece nele. (p. 70)

Um manual que indica ao ser humano o que ele deve ou não fazer é insuficiente para responder integralmente à subjetividade de seu “EU”. Existe maior solidão do que a ausência de si? Para Bonder (1998), “O não encontro de si mesmo está na incapacidade de arcar com a transgressão”. (p. 70) E é a pessoa acomodada que muitas vezes experimenta a depressão, pois ela sim se descobre solitária. Não arcar com a transgressão é resultado de um esforço supremo para conter o desejo que, por sua vez, ao enfrentar as tentativas de ser contido, potencializa-se e fará o (im) possível para se realizar.

Bonder (1998) diz que “aquele que não faz uso de todo o potencial de sua vida, de alguma maneira diminui o potencial de todos os demais” (p. 82). Diz ainda que a frustração e a depressão são subprodutos do não cumprimento desses desígnios na medida adequada, prejudicando o



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

potencial transgressivo do ser humano e, assim, diminuindo a produção de satisfação, levando-o a acomodação.

A acomodação pode ser pensada à luz da psicanálise como um recuo à possível satisfação do desejo, como se o sujeito, forjadamente, não se importasse o bastante com o prazer na busca pela felicidade, querendo, apenas, encontrá-la. No entanto, segundo Freud (1980), a busca pelo prazer é incessante, sendo sua base a felicidade como impulsora dessa busca tensionada pela pulsão libidinal. E essa busca dá-se através de um objeto no qual se pretende eliminar este estado tensional. É como se a felicidade estivesse no outro, uma vez que é a partir do outro que o ser humano se constitui, tal como suas necessidades e desejos.

Para Bonder (1998), o reconhecimento das tensões internas do ser humano não o livra do sofrimento, mas possibilita assumir suas sombras, modificando a qualidade de diálogo com o outro. Neste sentido, pensando a relação homem e mulher, o homem é sempre tentado pela mulher, mas não é a sensualidade da mulher que tenta o homem. A mulher é a chance do homem ser fiel a si mesmo. Toda vez que um homem se apaixona por uma mulher, ele entra em contato com a sua própria alma. Já a mulher não depende tanto assim do homem para entrar em contato consigo mesma, porque ela já é uma traidora em potencial influenciada pela serpente, a qual planta na mulher a semente da transgressão. A mulher então, tem a responsabilidade de repassar essa dimensão ao homem. Reitera-se, assim, que o homem trai com a finalidade de resgatar sua semente fora do meio quantitativo da monogamia. Já a mulher trai com a finalidade de resgatar sua semente fora do aprisionamento qualitativo da monogamia.

A monogamia, modelo de relacionamento socialmente imposto, recebe grande investimento por parte da cultura como resposta às questões amorosas do sujeito, segundo Amorim, Belo & Moreira (2015). Desse modo, considerando o desejo, a monogamia impõe sacrifícios a todos, pois exige uma honestidade que é constantemente confrontada pelo desejo, o que leva Bonder (1998) dizer que é difícil ser e se manter honesto, pois a honestidade é uma condição que se constrói a cada instante. Os contratos honestos entre duas pessoas só existem se forem constantemente redefinidos.

A família é o território da tradição e, como não poderia deixar de ser, é também o território da traição. A cultura instaura a instituição do casamento e é através dele que a tensão é traída por todos, porque não há forma de não se trair um casamento se não forem reconhecidas



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

as tensões presentes em cada sujeito: as tensões entre o bom e o correto, entre o corpo moral e a alma imoral, entre a reprodução e a transgressão, entre a tradição e a ruptura. Até porque, o casamento frequentemente é considerado um ritual de passagem na busca pela felicidade.

No entanto, Melucci (2004) considera que o ser humano experimenta hoje, de certo modo, a ausência ou a baixa frequência de rituais que, nas culturas tradicionais, são possibilidades de mudança do olhar sobre si. Assim, as tensões explicitadas atualizam, em certo sentido, a necessidade de se resgatar o prazer experimentado nos primórdios da infância, diria a psicanálise, sucumbido pela repressão do desejo como condição necessária para o indivíduo se constituir como sujeito cultural, ou seja, desejante do seu desejo. Como esse resgate não parece possível, transgredir apresenta-se como possibilidade de aproximação a esse prazer.

Transgredir é um processo, e o momento em que nos voltamos para outra direção marca um novo segmento de nossas histórias individuais e coletivas. O corpo e sua moral, por sua vez, percebem esse ato como uma “desorientação”. No entanto, transgredir é necessário (BONDER, p. 81).

O mundo, em muitos aspectos, já chegou à tolerância. Mas existe um mundo além desse. Existe um mundo de apreciação onde o outro, que é o inimigo, não é mais nem o corpo moral, nem a alma, mas a perda da tensão entre ambos. Sem tensão, não há o amor retratado por Bauman (2004) como sentimento sublime, que não deveria ser ansiado a encontrar seu significado nas imposições daquilo que já vem pronto, como a maioria das pessoas parece querer. Mas, no estímulo a participar da gênese dessas coisas, ou seja, vivenciar um processo de construção de vínculos afetivos duradouros ao ser capaz de apreciar o amor como transcendência.

A espécie humana hoje enfrenta um mundo que realmente se estreitou. Hoje ele é estreito tanto pela moral quanto pela rebeldia. O ser humano é ameaçado enquanto espécie quando não faz uso dessas duas consciências fantásticamente implantadas em sua carne, a que tem por destino obedecer e a que tem por destino desobedecer. A monogamia, então, longe de ser o formato natural da relação amorosa, é um arranjo que também deve ser conquistado, afirmam Amorim, Belo & Moreira (2015).



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

Essa conquista não é simples, pois exige a negação de alguns sentimentos e, principalmente, a privação de investimento libidinal em outros objetos de desejo sexual. Porém, como diz Bauman (2004), quando a qualidade das relações diminui vertiginosamente, a tendência é que se tente compensar a falta desta qualidade com certa quantidade de parceiros. Isso nos permite dizer em investimentos libidinais voltados a supostos objetos de desejo, como uma imposição da alma ao corpo que se vê submetido às amarras da monogamia.

Como uma possível síntese da “Alma Imoral” de Bonder, cunha-se suas palavras quando alude ao homem que suporta o casamento unicamente por tradição como um traidor, não sendo diferente do homem que rompe veladamente o contrato de casamento através de amantes. Também não diferentes do homem que rompe abertamente o contrato de um casamento e segue os desígnios de sua alma, seu desejo. Ainda, não diferente da mulher, porque aqui estamos nos referindo à condição humana. Diz Bonder (1998):

Há casamentos que, apesar de se conduzirem aparentemente dentro de normas de fidelidade, já esboçam movimentos de traição. Esses serão determinantes para a infidelidade posterior. Entenda-se por infidelidade tanto o rompimento de compromisso como a manutenção dos mesmos de forma destrutiva. Todos nós sabemos quando a vida está em processo de “aceleração” positiva ou quando estamos vivendo de uma velocidade artificial, pois a “aceleração” é negativa. Ficamos deprimidos quando a “aceleração”, mesmo que a velocidade permaneça positiva. Trata-se aqui do que chamamos de perda da tensão. (p. 34-35)

De fato, talvez, e aqui é uma contradição proposital, a culpa, proporcionado pelo superego como marco do sujeito dialeticamente cultural e social, está (ou na contradição esteja) instaurada. E a culpa, condição primordial do sujeito neurótico, quando atualizada, atualiza o imponderável: a traição é inevitável. Isso porque, ao corresponder aos preceitos da monogamia, o sujeito trai a si mesmo ao resistir à realização de seus desejos. Por outro lado, ao realizar os desejos que não o da monogamia (isso se podemos considerar a monogamia um desejo), trai-se o outro e a si mesmo ao rasgar o contrato, mesmo que por vezes apenas dito, da fidelidade.

Nessa conjuntura, parece o desejo partir do externo, ou seja, do outro. Este aspecto é levantado por Bonder (1998) quando afirma que o homem é sempre tentado pela mulher,



reiterando que “a mulher é a chance do homem ser fiel a si mesmo”. (p. 15) Apesar disso, retoma-se Bonder quando diz que o homem, ao se apaixonar por uma mulher, encontra sua própria alma; a mulher, por sua vez, não depende tanto assim do homem para entrar em contato consigo mesma, porque, influenciada pela serpente, já é uma traidora em potencial.

Diante disso, atualiza-se Bauman (2004) quando diz que o instinto de preservação não é suficiente para a sobrevivência. É necessário haver uma instância moral atuando nas definições do eu e do outro para que haja uma relação humana que seja algo mais que uma relação puramente animal. E é justamente essa instância moral que aguça a suposta imoralidade do desejo, diria Freud, ou a imoralidade da alma, disse Bonder.

Considerações Finais

No que se refere à tradição e à traição, o desígnio de Nilton Bonder como parte da condição humana é fundamental pensando a noção de desejo para a psicanálise. Desejo esse que, direcionado a um objeto que lhe impulsiona a encontrar prazer, se intitulou ao longo deste artigo como sendo inconsciente, amoral, imoral, atemporal, sexual, infantil e até fome da fome. Tal desejo, instituído como libido, presente na carga energética das pulsões do inconsciente humano, mantém-se na incessante busca pela satisfação plena e prazer imensurável.

Se a desobediência vinculada à traição é a pós-graduação do ser humano, como diz Bonder, não se ensina a uma criança a desobediência, pois isso ela já nasce sabendo. A criança nasce repleta por seu Id e é inserida em uma cultura que a rege sob ordens para discernir o que é certo e o que é errado, desenvolvendo seu ego (parte da sua consciência) e superego (instância censuradora). O superego ataca para defender o seu território, assim como também crucifica para defender-se dos desejos do inconsciente.

Tem sido perverso o uso do outro para falar de si, revelando a intensidade do auto ódio existente no ser humano. Querer exorcizar o traidor dentro de si, apontando no outro e o crucificando, bem como querer expressar a dor do sentir-se traído no ódio, na vingança, na indiferença, é a condição não transgressiva da civilização humana. Toda vez que um sujeito nega a sua sombra e a aponta no outro, crucificando-o, escurece o mundo.

Pensando a noção de desejo, o compromisso assumido com o outro (e consigo mesmo) pautado em acordos de fidelidade e felicidade, parece um blefe no jogo de obediência e da



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

desobediência no viver a vida. Se tais acordos forem postulados pela ética e princípios morais, como conscientemente o são, induzem ao pensamento mágico da verdade absoluta.

Essa verdade, no entanto, apresenta grande potencial destrutivo, uma vez que busca obstruir o processo contínuo de consciência, ou seja, o mais poderoso instrumento humano de sobrevivência, quando se tenta negar a existência do desejo. Mas, há pelo menos um desejo manifesto incapaz de ser negado: o desejo de ser feliz.

O desejo de ser feliz talvez seja o fator que imprima ao sujeito a necessidade de encontrar ou alcançar a felicidade a qualquer custo, fazendo com que negligencie o processo que permeia a busca pela realização do desejo. O que se quer é o desejo realizado, sem esforço, como se fosse possível encontrá-lo pronto. Mas, é justamente na busca, diriam os autores estudados (Freud e Melucci, por exemplo), que se pode vivenciar um estado de felicidade e o prazer de se sentir feliz. A busca é a pulsão de vida freudiana, por se encontrar na base de um desejo e na sua tentativa incessante de se realizar. Assim, a realização de um desejo abre caminho para um outro, impulsionado pela falta que, como já foi dito, não é vazio, embora a ele possa conduzir.

Quando os valores, os sentimentos e os desejos do ser humano estão todos reunidos em uma mesma experiência, não há o que se questionar, só desfrutar. E quando os valores e os sentimentos estão dispersos em diversas experiências, muitas delas contraditórias, indaga-se qual caminho escolher para reunir tudo de novo: os longos caminhos curtos ou os curtos caminhos longos descritos por Bonder? Preservar o correto do passado ou buscar o bom do momento? As respostas estão em cada um.

Pode-se dizer, portanto, que a imoralidade da alma talvez esteja no fato de que ela, ao desnudar o sujeito, como Clarice o faz na peça *A Alma Imoral*, revela os desejos. Afinal, o sucesso da apresentação de Clarice pode ser atribuído, numa hipótese plausível, à identificação do público com a (im) própria nudez da Alma. Assim, diante do espelho, o neurótico, ajustado socialmente ao procurar seguir as regras, tem a culpa minimizada pelo gozo permitido e compartilhado, podendo levá-lo, por assim dizer, a uma catarse, isto é, à purificação. Afinal, a “Alma Imoral”, assim como a psicanálise, mostram que há o desejo e, como diz Silva (2008, p.5) “Se há o desejo é porque o desejo há de ser”.



Referências Bibliográficas

- AMORIM, Patricia Mafra., BELO, Fabio Roberto Rodrigues & MOREIRA, Giselle Gonçalves Mattos. **Monogamia: interpretações Winnicottianas**. Recuperado em 20 de março de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-4822015000200010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BONDER, Nilton. **A Alma Imoral: Traição e Tradição Através Dos Tempos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CABAS, Antonio Godino. **O sujeito na psicanálise de Freud e Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- FREUD, Sigmund. (1920-1922). **Além do princípio do prazer. Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. vol. 2 / Trab. Sob a direção de Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. (1923-1925). **Ego e o ID. Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. vol. 3 / Trab. Sob a direção de Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. (1925-1926). **Um Estudo Autobiográfico**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. X). Rio de Janeiro: Imago 1996.
- _____. (1927-1931). **O mal-estar na civilização**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição standard brasileira das obras completas de Freud, v VII. Rio de Janeiro: Imago, 1968.
- _____. (1900). **A Interpretação dos Sonhos**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Edição standard brasileira das obras completas de Freud, v5. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. “Psicanálise além de Freud”. *In: Revista Mente e Cérebro*. 260, 72-77, 2014.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. (9ª Ed). São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. VIII N° 20

DEZEMBRO / 2017

ISSN 2177-2789

PEREZ, Daniel Omar. “A psicanálise como experiência ética e o problema da cientificidade”.

Revista Mal-Estar Subj. 9, 1203-1232, 2009. Recuperado em 20 de abril de 2017, de

<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=579998&indexSearch=ID>

PHILLIPS, Adam. **Monogamia**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

ROUDINESCO, Elisabeth.; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: JZE, 998.

SANTOS, Andréia Tenório dos. **Desejo e pulsão nos processos de sublimação**. Dissertação de Mestrado do curso de Educação, da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SILVA, Gerson Heidrich da. **A construção de identidade do educador social na sua prática cotidiana: a pluralidade de um sujeito singular**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. www.teses.usp.br.

ZIMERMAN, David E. **Manual de técnica psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ⁱ Gerson Heidrich é Psicólogo, Mestre e Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), professor e supervisor Clínico na Faculdade de Psicologia da Universidade Santo Amaro (UNISA/SP) e realiza atendimento clínico em consultório particular, e-mail: psicopiq@uol.com.br.
<http://lattes.cnpq.br/2647801809906666>

ⁱⁱ Jaine Soares é Psicóloga, formada pela Universidade Santo Amaro (UNISA/SP), desenvolve trabalho na área da Psicologia Social e atendimento clínico em consultório particular, e-mail: jainne.psi@gmail.com.
<http://lattes.cnpq.br/4101019121184823>